



**9º Simposio de Ensino de Graduação**

**DANÇA EM CADEIRA DE RODAS**

**Autor(es)**

---

GIULIELE APARECIDA DOS SANTOS OLIVEIRA

**Co-Autor(es)**

---

FERNANDA DE PAULA MIGUEL  
NATALIA RIBEIRO HILARIO BROZULATTO  
EQUIÉLE ROBERTA DE SOUSA

**Orientador(es)**

---

ELINE TEREZA ROZANTE PORTO

**1. Introdução**

---

Este trabalho foi elaborado para ser apresentado na disciplina Atividade Motora Adaptada, no 5º semestre do curso de Educação Física-bacharelado, ministrado pela professora Dr<sup>a</sup> Eline Porto. Tendo em vista o grande interesse pela dança aliado a questão da inclusão de pessoas com deficiência física, elaboramos um trabalho a partir de uma pesquisa bibliográfica em que os temas estudados foram: dança em cadeira de rodas para pessoas com deficiência física, com base nos autores Tolocka (2003, 2005, 2006); Ferreira (2000); Braga (2002); Freitas (2005), entre outros.

A modalidade dança é uma manifestação humana comum a todas as culturas em todos os tempos, se apresenta por diversas modalidades como o ballet, o jazz, o contemporâneo, o moderno, a dança de salão, a dança popular, entre outras, na qual bailarinas (os) podem vir a se qualificarem em nível de apresentação e ou competição. São através das competições de dança que os críticos analisam com todo rigor técnico a execução da coreografia, a interpretação da música, a caracterização e sincronização dos movimentos, a expressão corporal, entre outros quesitos (TOLOCKA; VERLENGIA, 2006).

A dança em cadeira de rodas surge como uma possibilidade a mais das pessoas com deficiência física terem um auxiliar no desenvolvimento dos seus aspectos físico, afetivo, social, cognitivo e terapêutico. O deficiente físico pode encontrar na dança a possibilidade de desenvolver seu talento, permitindo assim um ganho físico, psíquico e cultural, além de melhor inclusão social pelo palco da vida do belo, do real e do imaginário, porém concreto (FREITAS; TOLOCKA, 2005).

**2. Objetivos**

---

Apresentar a dança em cadeira de rodas para alunos da disciplina Atividade Motora Adaptada, no 5º semestre do curso de Educação Física-bacharelado, salientando seu histórico e algumas possibilidades para a vivência dessa modalidade.

### 3. Desenvolvimento

---

O trabalho foi desenvolvido, inicialmente, com a pesquisa bibliográfica realizada em livros da biblioteca da UNIMEP e sites oficiais relacionados a dança para pessoas com deficiência física. Após a pesquisa elaborada, realizamos uma apresentação oral seguida de uma vivência prática.

Na primeira, foi mostrada a história e alguns pontos que norteiam a dança em cadeira de rodas no Brasil e, na segunda, foi proposta aos alunos do grupo a realização de vários movimentos adaptados à dança em cadeira de rodas. Na vivência prática foram trabalhados vários ritmos de dança, enfocando partes da técnica da dança esportiva e a possibilidades para a dança inclusiva.

A dança inclusiva teve seu início na Suécia, Alemanha e Grã-Bretanha ao término da década de 1960, e se estabeleceu em outros países por volta da década de 1970. A dança em cadeiras de rodas, regulamentada em 1989 pelo International Sports Organization For The Disabled (ISOD), com sede em Munique, foi reconhecida oficialmente pelo European Paralympic Committee (EUROPC) em 1993, e também pelo International Paralympic Committee (IPC). No ano de 1998, foi fundado o International Wheelchair Dance Committee (WDSC). No Brasil, a dança foi desenvolvida por grupos independentes, vinculados aos clubes, universidades, associações de deficientes, prefeituras municipais, centros de reabilitação e algumas escolas de dança isoladas (BRAGA; CUNHA, 2002).

A dança como atividade para pessoas com deficiência física é um trabalho relativamente recente, com pouca tradição e sem muitos documentos que ofereçam subsídios, tem-se observado um esforço grande e crescente para sua expansão. Sabe-se que, atualmente, no Brasil, existem cerca de 35 grupos de dança, destacando-se entre eles a Cia. De Dança Arte Sem Barreiras, pertencente ao Clube dos Paraplégicos de São Paulo (CPSP), que iniciou o trabalho com 10 bailarinos, a Cia. De Dança da Associação Baiana de Dança em Cadeira de Rodas - Cia. Rodas no Salão (CRS), criada em 2002 em Salvador; contendo 15 componentes. A CRS tem como finalidade estudar, apropriar, fomentar e competir na modalidade “Dança Esportiva em Cadeira de Rodas” (Cia. De Dança da Associação Baiana de Dança em Cadeira de Rodas – Cia. Rodas no Salão (CRS). Disponível em: <<http://www.rodasnosalao.com.br>>. Acesso dia 19 de agosto de 2010).

Na Associação Niteroiense dos Deficientes Físicos – ANDEF existe um projeto chamado Dançarte, que possibilita o acesso da comunidade local e de pessoas com outros tipos de deficiência nas danças clássicas, modernas e folclóricas. Para o grupo de iniciantes o objetivo principal é o aperfeiçoamento da conscientização corporal, do ritmo e da expressão dos praticantes. Nesse grupo inclui-se praticantes que possuem dificuldades de tocar a cadeira de rodas, portanto os deslocamentos independentes no espaço são mais comprometidos. Para o grupo intermediário não exclui os objetivos anteriores, mas acrescentam movimentos que exigem maior coordenação motora, sincronia e deslocamento no espaço de forma mais frequente. Para o nível avançado, além dos objetivos anteriores, inclui o desenvolvimento da performance dos praticantes, com aperfeiçoamento de técnicas de dança, da força, resistência e flexibilidade.

As elaborações coreográficas exigem um nível de coordenação motora e sincronia mais avançado. Em Julho de 2001, aconteceu o Primeiro Encontro Nacional de Dança para Pessoas com deficiência física, em Macaé, Rio de Janeiro. Neste mesmo ano, foi realizado na Universidade de Campinas o primeiro Simpósio Internacional de Dança em Cadeira de Rodas, com o apoio da Associação Brasileira de Desporto em Cadeiras de Rodas (ABRADECAR), tendo como objetivos principais um crescimento contínuo dos grupos no Brasil e a introdução da dança em cadeira de rodas como esporte. Como resultado deste simpósio, fundou-se a Confederação Brasileira da Dança em Cadeira de Rodas e decidiu-se levar esta atividade esportiva para os jogos regionais de 2002 (ANDEF - Associação Niteroiense dos Deficientes Físicos. Disponível em: <<http://www.andef.org.br>>. Acesso dia 19 de agosto de 2010).

No Brasil, estas reflexões foram marcadas com a realização do I, II e III Simpósio Internacional de Dança em Cadeira de Rodas, organizados em 2001, 2002 e em 2003. (FREITAS; TOLOCKA, 2005).

A dança para cadeirantes pode ser inclusiva (artística) ou esportiva, segundo Braga; Cunha (2002) a dança inclusiva é um trabalho que inclui pessoas com deficiência, dando ênfase em todo o processo artístico, levando em consideração a possibilidade de mudança da imagem social até a inclusão social. Dentro da dança inclusiva uma de suas vertentes é a dança esporte, definida como uma atividade física relacionada à música, englobando um usuário de cadeira de rodas (deficiente físico) com um parceiro em pé (sem deficiência), auxiliar bailarino.

Segundo BERNABÉ (2001), a dança para cadeirantes tem como objetivo possibilitar que os novos usuários de cadeira de rodas desenvolvessem o seu próprio conceito do novo significado de locomoção em suas vidas. Na dança de cadeira de rodas competitiva, não há exercícios pré-definidos e há sempre vários pares ao mesmo tempo na pista que devem ser avaliados simultaneamente pelos árbitros. A técnica de movimentação considera o domínio das possibilidades de movimentação do corpo e das suas partes. A expressividade é observada quando um par domina o molejo dos pés, a transferência correta do peso do corpo de um pé para o outro nos moldes típicos daquela dança e o manejo adequado da cadeira de rodas. No caso específico da dança em cadeira de rodas, acrescenta-se um critério importantíssimo: a equivalência do par, os dois parceiros devem atuar equivalentemente, ou seja, o parceiro andante não poderá se sobressair sobre o parceiro cadeirante, ou vice-versa. Em uma competição oficial, são entre cinco a nove árbitros encarregados de selecionarem os pares que mais conseguem expressar a música pelos movimentos conjuntos do par. Na fase inicial da competição, durante as rodadas eliminatórias ou preliminares eles selecionam entre, os pares que estão na pista, aqueles que

merecem passar para a próxima rodada, até chegar a um número de seis a oito finalistas, que se classificam para a rodada final. Nessa, em cada um dos ritmos é atribuído um lugar no ranking a cada um dos pares. A partir dessas classificações, atribuídas por cada um dos árbitros, será calculado o ranking final. Em todas as classes funcionais LWD1 ou LWD2 e competitivas, levantamentos não são permitidos. A duração e andamento das músicas são de 1:30 a 2:00 minutos.

Para campeonatos nacionais e internacionais, a área útil da pista de dança não poderá ser inferior a 240m<sup>2</sup>, sendo o lado mais curto não inferior a 13m (BRAGA; CUNHA, 2002).

Ried; Ferreira; Tolocka (2003) classificam que a dança esportiva em cadeira de rodas engloba duas categorias: a standart (composta por valsa inglesa, fox lento, tango de salão, valsa vienese e passo rápido) e a latina (composta por samba, chá-chá-chá, rumba, passo doble e passinho). A classificação funcional é baseada em cinco critérios: 1- controle da cadeira: o bailarino deve ter a habilidade para acelerar e parar a cadeira com uma mão ou outra; 2- função de empurrar: o bailarino deve ter a capacidade de empurrar com uma mão ou outra o seu parceiro, demonstrando um bom controle da cadeira; 3- função de puxar: o bailarino deve ter a capacidade de puxar com uma mão ou outra o seu parceiro, demonstrando um bom controle da cadeira; 4- extensão de membros superiores: o bailarino deve demonstrar uma boa habilidade em sua performance sobre o controle do movimento, realizando uma extensão de membros superiores, associado à condução de cadeira; 5- rotação de tronco: com as mãos livres, o bailarino deve demonstrar um bom controle e equilíbrio de tronco, realizando giros.

A arte/dança em cadeira de rodas, segundo Tolocka; Verlengia (2006) assume um caráter plural onde se procura dançar possibilidades de interações corporais e sociais, além de ser utilizada como forma de lazer, educação de movimento, terapia e arte. Para efeito didático na formação de dançarinos com estruturas corporais diversificadas, consideram um processo metodológico fundamental, dividido em cinco pilares: domínio da cadeira de rodas para a dança; desenvolvimento das qualidades físicas e habilidades motoras; comunicação corporal– discursos corporais; desenvolvimento de técnica, baseada nos seguintes elementos: forma, espaço, ritmo, expressão corporal e desenvolvimento coreográfico.

Para Ferreira (2000) os maiores desafios que as pessoas com deficiências e com a modalidade sofrem são: maior adesão por parte do público masculino, dificuldade de acesso aos locais em função do transporte público, serem reconhecidos como produtores de arte e não como pessoas com deficiências que dançam, ampliação de locais que ofereçam esse tipo de trabalho, ampliação de profissionais preparados para esse tipo de trabalho e políticas públicas capazes de reconhecer o valor da arte para o desenvolvimento das pessoas em geral e, das pessoas com deficiências em particular. E as possibilidades são: atividade que permite a inclusão das crianças com deficiências nas aulas de arte e educação física nas escolas, aperfeiçoamento do senso estético e da capacidade de apreciação pela diferença, mudança de paradigma na educação e na arte, prática de atividade física de forma mais prazerosa e quebra de estereótipos na relação entre dança e corpos esculturais.

#### **4. Resultado e Discussão**

---

Durante todo o desenvolvimento do trabalho, notamos que o tema proposto era, até o momento, desconhecido pela maioria dos alunos e, felizmente, percebemos que os demais da turma estavam interessados pelo tema proposto, mostrando-se muito receptivos à modalidade.

Em relação à prática propriamente dita, todos participaram e mostraram-se motivados com a vivência. Com o advento da inclusão, a possibilidade de apresentar, divulgar e propiciar a vivência da dança adaptada às pessoas sem deficiência se torna ponto muito importante, pois assim podemos favorecer uma aproximação maior e mais natural entre as pessoas da nossa sociedade.

Para nós, integrantes do grupo, foi muito valiosa a experiência de aprendermos e possibilitarmos a adaptação da modalidade dança num ambiente diferenciado, pois pudemos encontrar na modalidade inúmeras possibilidades de trabalho em vários estilos e com diferentes faixas etárias. Isso é muito significativo para nós, futuros professores de Educação Física preocupados com o corpo em movimento para toda e qualquer pessoa nos diversos campos de atuação, pois ao buscarmos e encontrarmos propostas diversificadas de nos movimentarmos possibilita que a nossa área seja cada dia mais reconhecida e valorizada.

#### **5. Considerações Finais**

---

Com o desenvolvimento deste trabalho percebemos que se tornam cada dia mais amplas às possibilidades das pessoas com deficiências de se interarem e se superarem em esportes como a dança, que além de melhorar a coordenação, a atenção, resistência, força, flexibilidade, equilíbrio dinâmico e estático são formas, de diversão e relaxamento.

Além disso, com a possibilidade de participarem efetivamente de setores bem valorizados da sociedade, como os esportes, estes passam a ser valorizados pelo que realmente são, independentes da sua limitação. Podemos constatar com a pesquisa bibliográfica

realizada até o momento, que muito aprendemos sobre a história da dança sobre rodas, sobretudo como surgiu, evoluiu e se desenvolve, além de ser gratificante aprofundar os estudos na dança e nas deficiências.

## Referências Bibliográficas

---

**ANDEF - Associação Niteroiense dos Deficientes Físicos.** Disponível em: <<http://www.andef.org.br>>. Acesso dia 19 de agosto de 2010.

**BERNABÉ, R. Dança e deficiência: proposta de ensino.** Dissertação (mestrado em Educação Física) - Universidade Estadual de Campinas "UNICAMP", Campinas, 2001.

**BRAGA, M. D; CUNHA, B. C. M.** Benefícios da dança esporte para pessoas com deficiência física. **Revista Neurociência**, v.10, p. 153-157, 2002.

**Cia. De Dança da Associação Baiana de Dança em Cadeira de Rodas – Cia. Rodas no Salão (CRS).** Disponível em: <<http://www.rodasnosalao.com.br>>. Acesso dia 19 de agosto de 2010.

**Cia. De Dança Arte Sem Barreiras - pertencentes ao Clube dos Paraplégicos de São Paulo (CPSP).** Disponível em: <<http://www.cpsp.com.br>>. Acesso dia 19 de agosto de 2010.

**FERREIRA, E. L;** Sentido do sentir: corpos dançantes em cadeira de rodas. **Revista Conexões Educação – Esporte – Lazer.** Campinas/ SP, v.4, p. 73-80, 2000.

**FREITAS, M. D. C; TOLOCKA, R. E.** Desvendando as emoções da dança esportiva em cadeiras de rodas. **Revista Brasileira de Ciência e Movimento.** São Caetano do Sul/ SP, v.13, n. 4, p. 41-46, mar/mai, 2005.

**RIED, B.; FERREIRA, E. L.; TOLOCKA, R. E.** **Subsídios para competições oficiais de dança esportiva em cadeira de rodas.** Confederação Brasileira de Dança em Cadeira de Rodas (CBDCCR), Campinas/ SP, 2003.

**TOLOCKA, R. E.; VERLENGIA, R.** **Dança e diversidade humana.** Campinas/ SP: Papyrus, 2006.